

Rosidelma Pereira Fraga

# AFRICANUA

E outros poemas Afros



ILUSTRADORA  
Kaiwino Wiz



peripécia



Rosidelma Pereira Fraga

# AFRICANUA

E outros poemas Afros



ILUSTRADORA  
Kaiwino Wiz



I São Paulo I 2024 I

peripécia



---

Apoio da publicação deste livro:

Edital 08/2023 de Grupo de Pesquisa Africanidades, Literaturas  
e Minorias Sociais – PRPPG/UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA.

Ministério da Educação. UFRR.

---



### **DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)**

F811a

Fraga, Rosidelma Pereira -  
AFRICANUA e outros poemas Afros / Rosidelma  
Pereira Fraga. – São Paulo: Peripécia, 2024.

Livro em PDF

ISBN 978-65-88192-31-3

1. Poesia afro-brasileira. 2. Africanidade. 3.  
Literatura Afro-brasileira. 4. Arte africana. 5. Negritude.  
I. Fraga, Rosidelma Pereira. II. Título.

CDD B869.1

Índice para catálogo sistemático:

I. Literatura Afro-brasileira - Poesia

Simone Sales • Bibliotecária • CRB: ES-000814/O



Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2024 Rosidelma Fraga.

Copyright das ilustrações © 2024 Kaiwino Wiz.

Copyright da edição © 2024 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

*Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).*

Os termos desta licença estão disponíveis em:

[<https://creativecommons.org/licenses/>](https://creativecommons.org/licenses/).

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

---

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Júlia Marra Torres
Estagiária editorial	Ana Flávia Pivisan Kobata
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Andressa Karina Voltolini Milena Pereira Mota
Estagiárias em editoração	Raquel de Paula Miranda Stela Tiemi Hashimoto Kanada
Imagem da capa	Kaiwino Wiz
Tipografias	Acumin, Abril, African Style, Elizeth
Revisão	A autora
Poesia	Rosidelma Fraga
Ilustrações	Kaiwino Wiz

---

**PERIPÉCIA**

**Pimenta Cultural**

São Paulo • SP

+55 (11) 96766 2200

livro@pimentacultural.com

www.pimentacultural.com



**peripécia®**

**2 0 2 4**





**Em nome do amor excelso  
e da luta das minorias sociais,  
aos meus filhos, Ivan e Tauany  
e a todas pessoas neurodivergentes  
dedico versos de resiliência,  
resistência e africanidades.**



# Sumário

<b>Prefácio</b> .....	8
<b>Africanua</b> .....	11
<b>Afrofilia</b> .....	13
<b>Eurídice</b> .....	15
<b>tAMbOR</b> .....	16
<b>Leque negro</b> .....	17
<b>Orpheu negro</b> .....	19
<b>Amor de caboclo</b> .....	20
<b>Pretas Madalenas</b> .....	23
<b>Canção do africano</b> .....	24
<b>Como se fosse sol</b> .....	27
<b>Poesia negra em branco</b> .....	28
<b>Pecados de amor</b> .....	30
<b>Chamas</b> .....	33
<b>Amor e Oxalá</b> .....	34

<b>Vozes e silêncio</b> .....	36
<b>Capoeiramor</b> .....	39
<b>Coroai-me de AMOR</b> .....	40
<b>Poemado de sol</b> .....	42
<b>Recanto de preto</b> .....	45
<b>Ballade and Poetry</b> .....	46
<b>Alinhavos</b> .....	49
<b>Rascunho</b> .....	50
<b>Preto livre</b> .....	51
<b>Cativos</b> .....	52
<b>Cristo em Angola</b> .....	54
<b>Fotografias</b> .....	55
<b>Silêncio! Há fome de preto!</b> .....	56
<b>Despacho</b> .....	58
<b>Canção do Umbandista</b> .....	59



<b>Africano</b> .....	60
<b>Prelúdio negro-amoroso</b> .....	62
<b>Eu preciso falar de amor</b> .....	64
<b>Guia</b> .....	66
<b>Serviço de preto</b> .....	69
<b>Manifesto da poesia</b> .....	70
<b>Sobre a autora</b> .....	71
<b>Sobre a ilustradora</b> .....	73

# Prefácio

Fazer literatura é labirintar-se nas veredas da medicina. É curar-se. Neste caso, é curar-se pela palavra. Palavras de gozo, curvas no silêncio da aorta. É curar-se de uma razão que coisifica o corpo, desumaniza as curvas carregadas de nervuras ou impõe pedras no sopro do “tambor”.

Rosidelma Fraga é uma artesã da palavra dedicada linha a linha. Suas palavras evocam o cheiro que navega pela boca das ancestrais. Se achegam pelo sopro dos atabaques, tem pele de terreiro.

“Noite” e “dia”, Rosidelma costura olhar como quem lambe ou se lambe ao despir da terra.

Não se pode trançar um olhar desavisado ao Africanua sem estar atento às ilustrações de Georgina Sarmento que conspira com o livro. Corpos que dançam reinventando a curva na aorta e no tempo. Cada passo, cada enlace ruminam profundo no atabaque, assim como no poema. De lá gritam as Madalenas, as Carolinas, as Bacantes, que fazem a travessia atlântica como quem se ‘despe’, como quem “canta o silêncio”, como quem se desnuda ao som do tambor que ecoa dos porões da “minha alma”.

Desde a palavra, a poeta traz para o terreiro do poema a lira de Orpheu, carregada de “incensos”,

“gemidos” e “cheiros” da terra. Em teus poemas navegam um rio de evocações, encruzilhadas de dor, gozo, revolta, resistências e “escrevivências” (Conceição Evaristo).

A poeta provoca nossos sentidos. Sentimos o cheiro que exalas de tuas escamas navegantes. Quando se achegas, repousa a palavra bem ao rés da pele negra. Rosidelma evoca (des) medida) outras costuras, linhagens que vem desde dentro.

Fico muito feliz em ler e falar de tuas poesias. Cada uma é atravessada de força terrena e corporal. Neste mar de Bacantes, Madalenas, Orpheus, o tambor é força motriz que amanhece ao som de mil atabaques.

Neste cenário, a poeta, professora e doutora Rosidelma Fraga, se evoca. Se achega às Carolinas, Conceições, Marias. Se reveste das tranças. Traça o risco e se arrisca na ginga. Berimbaliza bordados a partir das memórias das mulheres pretas e escurece o cheiro que se achega de longes cantando a vastidão negreira de ser.

*Evoé-Axé*

**Milton Sankofa**

*(Poeta de Americana – SP, autor de diversas obras em Cadernos Negros no Brasil).*







# Africanua

Rabisco uma rima que vem do **TAMBOR**

Teço a poesia de minha nudez em **FLOR**

Reescrevo a cena negreira de tua **DOR**

E a África resiste com seu grito de **AMOR.**





# Afrofilia

benzi o amor  
de arrudeira  
saiu trevo  
de poemas,  
suor de preto  
e atabaque...  
meu terreiro  
virou poesia.







# Eurídice

*(Minha avô negra,  
símbolo da resistência)*

no sangue de minha avó  
corre minha história  
por isso me dispo  
por isso grito  
por isso vibro  
por isso poetizo

avó preta  
de pés ligeiros,  
sacudiu a poeira  
bateu barro  
socou pilão  
e fez meu chão...



vem, negra flor,  
bate esse tambor!

vem, amora pretinha,  
a noite já vai caindo  
e tu estás aí, linda  
sorrindo feito Rainha!

rodopia, negra!  
cante, encante,  
e sambe a vida, Eurídice,  
que África é tua, noite e dia.

# t**AM**b**OR**

Na boca do  
Barlavento  
meu poema  
geme sedento.

No t**AM**b**OR**  
de teu silêncio  
tua ilha rasga  
o rosto da terra.

Africando em mim  
tuas negras algemas  
vestem-me de insensos...

porque na ilha do amor  
o teu Deus  
que é cupido meu e teu,  
sairá do mar de Iemanjá

e meu verso livre  
todo negro,  
todo cabo-verdiano,  
beberá o teu corpo  
e a poesia fará sentido.





# Leque Negro

poema é um leque de palavras negras  
o poeta é aquele que rasteja desejos  
e a poesia é África flamejando nas veias.







# Orpheu negro

meu Orfeu tece em mim  
os sabores da eternidade...  
meu Orfeu veste em mim  
o tecido de seu corpo suado  
e em meu corpo faz morada

meu Orpheu é o retrato  
do corpo que samba,  
da canção que sangra,  
de Lilith que dança,  
de Madalena que ama  
e do gozo em chamas

meu Orpheu vibra todo afro  
e nosso gozo se faz cascatas.  
Meu Orfeu degusta em mim  
o gozo de amantes metáforas  
e geme de amor e vozes caladas.

# A mor de caboclo

cantei teu verso negro,  
na roda de capoeira...  
travesti-me de baiana  
dancei em teu terreiro...

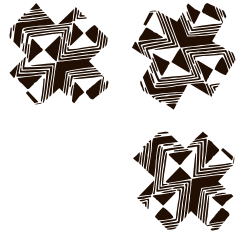




teu verso repente e suado  
ecoou por sete mares...  
vem soltar as algemas  
vem despir meu poema  
vem voar canção, morena...

na roda de poesia, veio preto velho  
sambei tua ausência no escuro  
e recebi teu amor de caboclo  
vestindo-me de um orgasmo puro.





# Pretas Madalenas

em dia de índio  
ou dia de rio  
ou dia de preto  
não quero sossego  
quero-te todo meu  
quero ser tuas madalenas  
Lilith, Eva e Bacantes  
Depois adornar-te  
De Amor dos Amantes...  
Quero ser duas em uma,  
Ou três, todinha nua,  
unicamente África  
como se fosse eternidade.



# Canção do africano

presenti tua africanidade,  
e seus encantos  
ouvi o piano e seus traços,  
o órgão é a memória de Jubal  
tudo me lembra a história  
dor de negro vira silêncio  
porque lugar de preto é na Arte...

corpos de negros africanos  
bombavam o som da música...  
a Dor negra virou a tua poesia  
que gemeu décadas em mim...





tuas águas se misturam as minhas águas  
temos enfim almas tatuadas nas bombas  
almas cruzadas pelo oceano na encruzilhada...  
lá não tem religião e não há anjos coloniais  
há somente teu corpo nu e minha África  
consagrados em atos de Amor e liberdade.

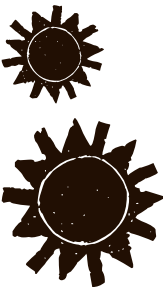


# Como se fosse SOL

venha ver meu sol  
em dia de branco  
em noites de encantos...  
tocarei teu cheiro  
e desnudarei teu pranto...

faça-me tranças  
em castelos de êxtase...  
dançarei em teu corpo  
como se fosse amor  
como se fosse flor...

segure meu corpo  
como se fosse cordas  
em tom suave de sol...  
guardarei teu cheiro preto  
como se amanhã fosse hoje  
em som de eternidade.



# Poesia negra em branco

eis-me agora com a folha em branco  
e teus dedos me ensinando memórias  
para escrever-te ausências e suas histórias...

tuas mãos negras dedilham-me  
em tuas veias misturadas de canção  
meu corpo em teu corpo é verso  
é poesia que também é Deus...  
porque se Deus está em tudo  
ele há de ser nudez de preto,  
ele há de ser nós, sem nós nos lençóis.

feche teus olhos africanos e escute amor,  
o silêncio só pode ser o assobio de Deus!  
E o amor se existe mesmo, grafou-se nos detalhes.  
nas sinas e nos destinos de estarmos sozinhos...  
porque a solidão é o lume de estrelas  
que deixei escrito nas chamas de teu olhar...

e a folha branca conduz ao poema  
que espero ensinar-me a escrever  
porque metade de mim é pedra  
e a outra metade é a grafia dela...





ensina-me a pintar a solidão dos bares  
para quando eu não estiver mais aqui...  
e no instante que eu for embora,  
cante-me o verso que nunca fiz  
e em meus versos interroga-te  
no meu amor dos amores sem respostas...

    guarde a folha em branco do verso  
    em todos os encontros sagrados  
    de amores e do amor somente.  
    Eu estarei no amor das madalenas  
    sempre a despir tua boca e teus poemas...  
    pois ainda que fosse mais que bandolins  
    o amor há de ser mais que um sim...  
    o amor há de ser mais que chão de giz  
    porque dois corpos não se amam  
    como melodias e sussurros a dançar...

deixe a poesia de tua alma  
encontrar com outras almas  
porque o amor é tudo que  
nenhum vento africano não traz...  
o amor há de ser a razão sem razões  
das canções que me virás escrever,  
porque o amor é o canto de lavadeiras pretas  
a bailar o sono do menino preto dormindo.



# Pecados de amor

“quem é justo atire a primeira pedra”  
ouço os sons de Cristo a libertar-me  
e é por isso que saio sem as alças  
do soutien no frescor da madrugada  
e o poema vem sem formas e nu...

ora, não gosto de nada no lugar  
de nada que suscite pureza e castidade....  
um poema precisa ser pecado  
precisa ser liberto  
precisa de orgasmo...

e neste poema, meu bem,  
saio sem saias e ensaio poesia,  
faço dramas de quem sente saudades,  
mas a saudade também é piegas...



e de mim nada terás além  
de Madalena retinta de amor...  
de mim, nada terás além de corpo  
porque se queres amar  
ame com versos,  
ame com o corpo suado,  
com teu cheiro de preto...  
pois de mim, terás corpo e poesia...

e no fim da estrada e no escuro dos poetas,  
deixarei a calcinha do pecado na esquina...  
Cristo estará em mim e em ti...  
certamente ele é preto e será nossas vozes  
e a redenção de todos os poetas mortos...



# Chamas

Chamas-me, amado meu,  
África de meus desejos!  
E tens-me na aurora  
vaidosa e fogueira  
a suspirar-te em versos.



Chamas-me, meu amor!  
E eis-me em chamas  
a borbulhar meu corpo  
para depois mergulhar  
em teu gozo todo afro  
todo divino,  
metade homem  
metade menino.  
E serei a sereia  
a dançar nas águas  
de ti em mim  
como dois amantes  
em chamas  
até que o silêncio diga  
que me amas  
que te amo!



# A mor e Oxalá

fazes-me rimas  
de Camões, indrisos,  
haikais e versos mais...

louvo-te ao som  
de Nat King Cole  
e saio de tuas rimas...



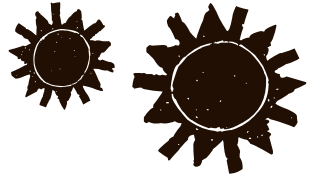


visto de música  
teu poema disfarce...  
lá dentro da nudez  
do poema, eis que leio:  
quem rege nossa poesia  
é o arquiteto do amor  
ele nunca dorme,  
é negro  
é oxalá  
e teus orixás.

# Vozes e Silêncio

ilhado da poesia do corpo  
entoastes meus versos...  
versos naufragados  
de silêncio e arte  
que deságuam  
na gratidão que me toma...

tua voz negra parece beijar  
a ardência da alma enciumada  
deste país de amor e encantos...  
Cabo Verde, de onde  
ouço os sinos de Corsino  
nas fontes de meu silêncio,  
de tua ausência, de teus ventos.



de olhos vendados de poesia,  
meu sangue bebe a sonata  
que vem de tua alma amada...  
amados serão todos os poetas  
negros que colorem nosso sangue...  
amores serão todos os amantes,  
por mares africanos navegados,  
por ilhas sonhadas, por vozes caladas...

e na maresia de meus sonhos rabiscados  
eu, poeta do amor, codinome beija-flor,  
gracejo em desenhar a arte de tua cor,  
cor de amora, aroma dourada, cor da noite,  
na canção de tua voz tatuada de orixás...





# Capoeiramor

meu poema nascerá ao som  
de mil atabaques e agogô ...  
teu verso dança a rima de preto  
e rodopia,  
e rodopia  
e rodopia...  
na encruzilhada da poesia  
os versos mudos se comunicam...

falar em língua de crioulo produz  
canto, poesia, tambor e orixás...

em mim nasce Xangô,  
roda de justiça e capoeira...  
na roda que o tempo pranteia  
meu corpo suado, sem nada  
curva-se no retinto de tuas veias,  
onde o amor vai despindo afrofilia  
e em Aruanda o amor terá sentido...



# Coroai-me de AMOR

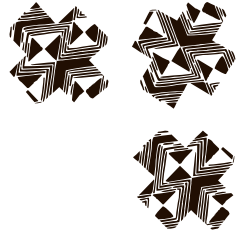
(Um Poema em Meu Aniversário)

coroai-me de verdades absolutas  
não me tinjas um poema de brandura  
meu corpo já não cabe o fingimento  
de uma sensibilidade líquida e medida

coroai-me de ausências que tanto canto  
coroai-me da canção de Mozart em silêncio  
coroai-me daquilo que não seja efêmero

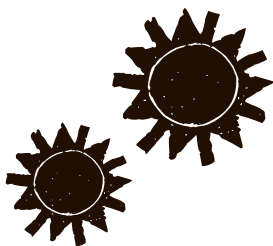
coroai-me do cândido sorriso  
da menina que vestiu a fome  
e bebeu os pedaços do abandono

coroai-me de rosas de todos os amantes  
coroai-me do amor de todos os gêneros  
coroai-me do AMOR e do AMOR somente



coroai-me da pele negra excluída  
coroai-me do amor divino  
mas não me venha com religiões  
não ando mais com um Deus maléfico  
o Deus em mim é todo negro e tição  
o Deus em mim é a chama do amor  
que o vento e o tempo não consomem

e se o amor de Deus é humano e sangra  
coroai-me então do riso largo da prostituta  
que perdeu a calcinha do pecado na esquina,  
sem pudor, preta ou branca, sem religião,  
mas com o sentir de gente, com Amor e Perdão...  
coroai-me do azul-perdão no olho do mendigo  
porque já não quero um sentimento de mundo  
que minhas entranhas não mais darão as mãos.



# Poemado de SOL

poemar-te  
ao romper da aurora  
é como ver Deus...

ainda que tímido,  
o sol espelha teus raios...  
trêmulo, ele vem a mim,  
toca e despe meu corpo  
de notas negras  
como se fossem tuas mãos.

ouço-te na sinfonia dos pássaros,  
dos passos de amantes  
que à lua adormeceram

vejo-te enfim ao sol  
e de olhos vendados,  
sinto-te, meu amor, aqui  
devoro o cálice de teu corpo  
que ora foi nossa música  
poemada a céu aberto...





# Recanto de preto

entrei no recanto  
com pretos suados,  
rasgados, amassados...  
toquei meus tambores  
de poemas e sons vulgares...  
sambei pé por pé...

saí toda flor de mansinho  
certa e viva como pétalas  
bebi as gotas de nossos versos...  
versos epigrafados juntos  
que espelham o amor  
em carne e osso...  
sangrando preto,  
despindo preto,  
gritando preto,  
sem cortes, eterno.



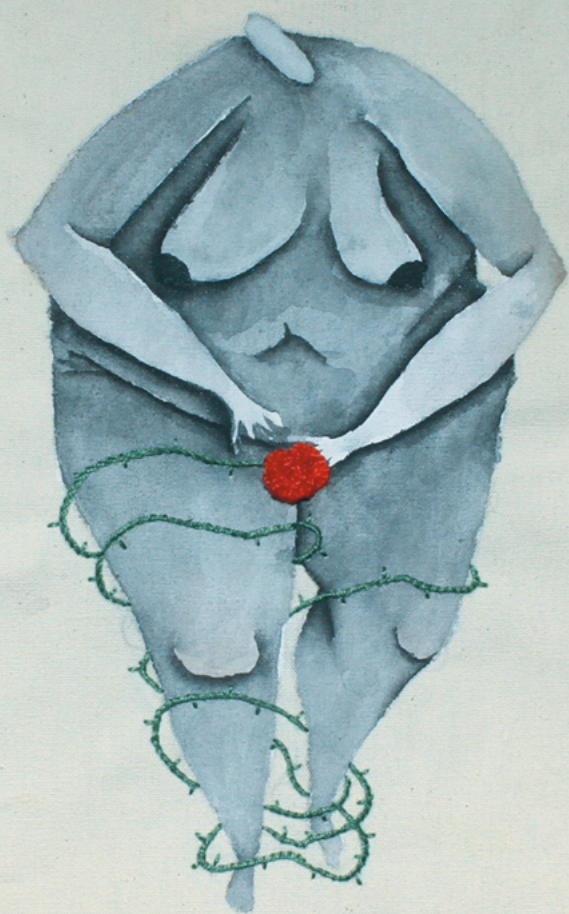


# Ballade and Poetry

teus dedos dançavam  
às teclas nuas do piano.  
A epifania que move poetas  
soava as palavras surdas,  
inexatas, sem pautas e rimas  
qual som do açoite africano

é assim do instante metafísico  
que a poesia se despe ao lirismo  
de minha nudez de prostitutas  
que se faz música, rima e danças

Ballade pour Adeline, eis a canção  
dos versos que adornastes em prantos  
mas os escravos choraram antes de ti...



# A linhавos

jamais escreverei versos naufragados  
de um lirismo mecânico e vestido de solidão

o poema que ora teço vai despindo alinhavos  
e nas costuras de África o Amor é nudez

minha nudez desabrocha como muitas rosas...  
meu amado caminha entre espinhos há horas

e no cais de horas que parecem intermináveis,  
alinhavo palavras doces de metáforas,  
banho a pele de Madalena com unguentos,  
e o poema vai abrindo as delicadas pernas

ora, não demores, meu amado!  
meu corpo e minha alma de poeta,  
já te esperavam em noites-afro

e não te esqueças sequer por um segundo  
que em mim tu esquecerás a solidão de mundo  
em mim tu terás o abrigo do Amor sem medida,  
terás todas as mulheres nuas em forma de **FLOR**.



# Rascunho

dizem que escrevo por aí,  
mas não abro as palavras  
amassadas e pretas ao chão  
e não rascunho verbo por aí.

dizem que teço amores por aí  
porém faço poesia como se despe  
no escuro dos dias orgásticos

dizem que canto o silêncio por aí  
mas minhas mãos apenas tocam  
os nós de carolinas presentes

dizem que escrevo por aí  
mas faço versos como quem  
sequer espera ao fim da rua  
e jamais caminha por aí

antes de tudo, rascunho a poesia  
que não será o deleite da escritura  
enquanto o livro guardado em mim  
espera teu corpo negro de todo amor.



# Preto livre

escrevo versos livres  
como Walt Whitman...  
pinto rimas de liberdade  
como quem beija um escravo...  
espero a canção de amar  
como verbo intransitivo,  
incompleto,  
complexo,  
convexo,  
côncavo de eternidades  
e que o amor possa  
caminhar liberto  
como aquele cão de rua  
a esperar o cheiro  
de uma fêmea ladrando  
vidas...  
porque poesia é a voz  
de criar nascimentos  
o nascimento da poesia  
haverá de ser Deus  
dançando em nossa África.







# Cativos

entre mimos  
molhados  
e babados,  
tu vens, retinto  
adoçar rimas...  
em noites afros  
tu vens tocar-me  
feito menina...

entre rimas  
e mimos  
saio para afagar  
o teu corpoema...

vestida de algemas  
solto tuas correntes  
para sermos cativos  
um no outro e do outro  
em gritos sem dor.





# Cristo em Angola

achou que eu era rio?  
sou preta em mar navegado  
em seringal explorado  
em savanas de Angola  
com saia de Guiné-Bissau...

se me deres um remo navego poemas  
só não bebo lágrimas de Portugal  
sou o sal da terra que Cristo amou  
no deserto e chorou dia e noite  
até seu sangue angolano tingir o céu.



# Fotografias



a fotografia da eternidade  
despe-se a olhos cegos  
cores táteis abrem-se ao véu  
da África em silêncio suave

o meu tempo passado  
é o presente sentido  
o futuro será o grito africano  
cada tempo tem um grito  
que soa preso e marcha  
no atabaque da poesia...  
que baila na travessia  
de outras vidas seminuas

a nudez do teu corpo cênico  
fotografei no instante absoluto  
da tríade:  
passado, presente e futuro...  
eis a mulher de almas coloridas  
na direção da morna africana.

# Silêncio! Há fome de preto!

acordo com barulho de preto gemendo  
gemendo como negro na senzala  
sem carro de boi  
gente vira cães na rua morta...

vejo um homem catando detritos  
pelas brechas do portão. É tição!

meu Deus, que horror!  
sinto o bicho dando bandeira!

ouço vozes ecoando no porão da minha alma:  
ninguém passa fome no meu país,  
ninguém, ninguém, ninguém...



minha poesia surda resiste  
cambaleia, insiste  
e grita gotas negras de meu ventre:

**SILÊNCIO!**

**HÁ FOME DE PRETO NESTE PAÍS!**

Poema fome

Chuvisco de branco  
teu amor de preto.  
Poemo de sede  
tua boca de Zeus.  
Entre laços e afagos  
Sou teu poema-fome  
Na sede de um só dia.

Já Bacantes, molhados e insanos,  
somos uma página intensa  
de gozos, delírios e afrodites.  
Somos duas metades únicas  
porque amar-te vorazmente  
é como beber o gozo da criação.





# Despacho

Mando folhas de poesia  
trevo de amor  
de meu terreiro.

E o teu não-amor  
jamais me toca...  
Benzi de arrudeira.

# Canção do Umbandista

Viajei em teus versos  
de Umbanda a Artista.  
Em Aruanda despi teus lábios  
de maresia e eterno encantos.

Em eterna ausência minha  
tuas mãos esculpiram meu riso.

Todo despido meu eu-lírico  
quis voar em teu cheiro e já não pode.  
Apenas em silêncio geme meu verso  
na canção do teu amor africano  
que ainda reina em meu sangue.



# Africano

Quero-te vestido  
de um deus africano,  
vestido de branco,  
tocando atabaque.

Espero-te negro  
ou luso-afro-brasileiro.  
Quero-te sem mácula  
Quero-te sem mágoas.

Quero-te em todos ecos  
Ou insano, louco, Édipo,  
Ou louco, ébrio e Tirésias...  
endeusadamente, quero-te.

Quero-te meu menino cego,  
o deus que me lê por dentro,  
o anjo que me enxerga por fora  
e me toma sempre sem demora.

Não importa onde nem a hora:  
se no céu ou no inferno,  
se no altar dos santos,





se no lugar de anjos,  
se no lugar de passe,  
se no passe dos ventos  
que trazem os espíritos  
de toda a sua alma, minha...  
de todo o teu corpo, meu...

QUERO-TE na força da poesia,  
na física quântica dessa prece...  
porque eu sei que ficaremos juntos  
como o sol nasce e se põe todo dia.

Quero-te simplesmente, Hélio,  
porque amo-te sem reservas.  
Sou tua, excluindo todas as religiões  
Sou tua, incluindo o nosso amor.

# Prelúdio negro-amoroso

curvo ao chão em êxtase  
para apalpar a intimidade  
das notas absolutas da poesia

meu verso retinto ouve o silêncio nu  
e o silêncio se faz a ausência tua





lá fora, os pássaros ajoelham-se  
e Oxalá pincela teus olhos cegos  
que parecem duas luas gêmeas

do firmamento nossas Alma  
inseparáveis cantam aos pássaros:  
Jesus, alegria dos homens, meninos...  
e o teu corpo vira África em mim.



# **E**u preciso falar de amor

sentou-me de frente ao caos  
o caos não está morto  
o caos vai me devorando...  
a salvação é falar de amor  
mas o amor não é novidade  
contudo preciso falar de amor  
insisto, persisto e busco o amor



o amor saiu às ruas...  
o amor tirou as saias...  
o amor levantou bandeira  
o amor protestou e gritou...  
o amor despiu meu pranto...  
o amor explodiu seu canto...  
o amor, em prantos, ajoelhou...  
o amor sentou em meu colo...  
o amor bateu a aorta da poesia...  
o amor gritou a fome de preto  
o amor abraçou a preta na calçada



o caos não se conteve ao poema  
o caos apaixonou-se pelo AMOR.  
Silêncio de Ogum

Silêncio é guardar o voo do pássaro  
que passa na janela a fitar teu chamado.  
Silêncio a pena, mas o poema presente  
o teu cheiro trazido por Ogum e pelo vento...  
nasce a poesia no luzir de teus passos.

# Guia

meu guia que sente os aromas da alma  
e sabe a fragrância dos orixás celestes...  
teu corpo me despe e teu ser me deságua...  
tem cheiro de negro o teu Amor agreste

vestir-me em tua pele, tocar o teu cheiro  
é chamado de atabaque de tuas mãos no terreiro  
inspirar os teus versos, dormir no teu peito,  
convida-me África, nua, excitada e faceira

as rosas nuas tocam o teu beijo em mim  
as chamas espalham o Amor noite e dia  
e a memória de África em nós resiste

são histórias que perduram no amor sedento  
de estar um no outro como poema infinito,  
do orgasmo sem fim em corpo de afrofilia.  
Somos Carolinas, Evaristos e Marielles  
Não cantaremos mais o medo  
de flores nervosas de pânico.  
Cantaremos ritmo de lutas e rimas  
de Marielles e também Carolinas.

Bordaremos nossos haikais  
com histórias cheia de ais  
mas cantaremos as memórias  
das pretas mulheres mais.

Louvaremos a favela nas vozes-  
mulheres não mais caladas  
e não silenciadas e presentes.

Sairemos às praças e esquinas  
no berimbau de Carolina  
nas lágrimas insubmissas  
de Conceição Evaristo  
e cantaremos num só repente:  
Marielle, aqui presente.





# Serviço de preto

faxina-se alma de preto velho...  
varre-se palavra no entulho  
do lixo se faz arte e luxo  
lugar de preto é na poesia

cata-se verso de hienas  
despe-se alma de algemas  
lugar de preto é no poema

o lixo serve para africanidade...  
melhor guardar toda arte...  
vai que passa um poeta  
e leve a poesia na sacola  
e rouba um lápis cor de pele  
lugar de preto é no verso meu.







# Manifesto da poesia

(Para Carolina Maria de Jesus)

Fica decretado na Lei 13 mil do Universo, os artigos, a saber:

Art 1. O amor de Deus acolherá pretos, pardos, indígenas, quilombolas, órfãos e Madalenas.

Art. 2. Não haverá poema que fale de ódio, misoginia, homofobia, gordofobia, transfobia, etc.

Art. 3. Não haverá céu diferente para pessoas neurodiversas porque lá não haverá governo nefasto.

Art. 4. Não haverá separação entre periferia e centro. Todos fartarão do mesmo milagre do pão.

Art.5. Fica decretado ainda que as pessoas especiais ensinarão aos homens que o amor virará poesia e não se amará pela distinção de raça, etnia, cor, gênero ou religião.

Art. 6. Para fins de direito, será extinto do universo todo aquele que não jurar amor, amor e AMOR.

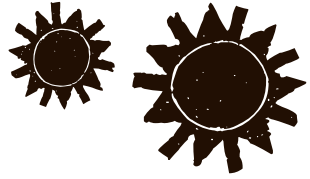
# Sobre a autora

## Rosidelma Fraga



Rosidelma Fraga nasceu em Alto Araguaia - MT. Banhada por Roraima há 10 anos. Filha de Rosalina Pereira e Joaquim Fraga, mãe de dois filhos especiais: Ivan Murilo e Tauany. Graduação em Letras/Literatura (Unemat). Mestrado e doutorado em Estudos literários (UFG). Escreveu a tese de doutorado *Recepção*

e convergência na obra de Manoel de Barros: poesia, ilustração e paratextualidade. Coursou Pós-doutorado em Cultura contemporânea (UFRJ) com o projeto de pesquisa *Identidade e Música de Zeca Preto, Eliakin Rufino e Neuber Uchôa*. Participou de diversas antologias literárias, resultantes de prêmios e seleções em concursos literários, três deles da Academia Brasileira de Letras. Nesta obra *Africanua*, a autora denuncia o racismo, exalta a negritude e traz uma contribuição para pensar as diferenças combatendo a



homofobia, a misoginia, entre outros temas que é uma homenagem a africanidade e ao erotismo da poesia negra. A autora recebeu diversas premiações literárias na categoria poesia. Além de sua atuação como professora de literatura na Universidade Federal de Roraima e escritora tem desenvolvido projetos de incentivo à leitura e produção literária, dentre os quais organizou livros de alunos como resultado de suas ações nas escolas. Tem dois blogs intitulados Poiesis Rosidelma Fraga e Orgasmo poético <https://rosidelmafraga.blogspot.com>. Premiada pela Lei Aldir Branc, com dois projetos A obra de Rosidelma Fraga em áudio e libras e O contador de histórias e o leitor de poesias. Em 2023 foi classificada no Edital Prêmio Carolina Maria de Jesus, pelo Ministério da Cultura. Autora das obras Poiesis em verso e prosa, Cantares de Amor e AmorAmante. Autora do livro infantil O mundo fantástico da menina Angelman, pela Wei Editora (2024) com apoio da Lei Paulo Gustavo/FETEC Boa Vista. Tem como defesa a luta pela inclusão por ser também uma pessoa com Transtorno do Espectro Autista, mero detalhe no quesito de suas várias habilidades como a literatura e a música.

# Sobre a ilustradora

## Kaiwino Wiz



Kaiwino Wiz nasceu em Roraima. Artista Visual. Graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal de Roraima. Professora de Artes do Estado de Roraima. Mestrado em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras. Bordadeira. Ilustradora de livro *Mulheres que fazem sol* de Sony Ferseck, classificado

na primeira fase do Prêmio Jabuti 2023. Mulher indígena do povo Makuxi e Wapichana. O trabalho de Kaiwino Wiz é belíssimo e valoriza o corpo feminino gordo e ainda trabalha a ancestralidade indígena influenciada pelo tecer de sua mãe e as raízes de seu povo.

A obra poética AFRICANUA nasceu da iniciativa da poeta em escrever poemas que também homenageassem mulheres negras para o prêmio Carolina Maria de Jesus que por sua vez obteve uma significativa aceitação avaliativa ao ser classificado. Africanua é uma obra poética da autora, seu quinto livro literário, que tem como mote poético a exploração da palavra que é a junção sonora de “África”, “africano” e “nua”, cujo título traz a inventividade da palavra poética em quatro signos linguísticos que são: África, Africano, Africana, África Nua (aquela que se desnuda e se desvela e revela no conjunto e seu conteúdo que vai desde o poema “Africanua” que abre a obra até Manifesto da Poesia, último poema da obra). AFRICANUA chama a atenção para a escrita temática do livro que começa com a palavra AMOR e fecha com a mesma palavra perpassando todos os jogos de sedução, de Eros e negritude, isto é, a obra cumpre seu mote poético com jogos linguísticos criativos ao finalizar com um decreto/lei manifestando o respeito à humanidade pela diversidade cultural africana em combate ao racismo, pelo respeito às minorias sociais, pela neurodiversidade e igualdade étnico-racial descortinados por meio do signo AMOR. Por conseguinte, este signo será sempre original em todas as línguas, épocas e nações. É o que nosso país precisa depois do caos.

Esta obra recebeu apoio financeiro do Edital 08/2023 ao grupo de pesquisa Africanidades, literaturas e minorias sociais da UFRR.